# Palavras Perpétuas

Rychard S. Paz

Apresentado por

Meu Lado Poético

# DedicatÃ³ria

*À todos aqueles que já sofreram nas garras do mais oneroso amor, ou que envolveram-se nos cobertores sangrentos do mal, e que mesmo sob a tormenta das batalhas mais inebriantes e dos conflitos mais insuportáveis, que mesmo sob o luar de madrugadas glaciais e de um céu triste e enegrecido, ou de um pôr-do-sol nostálgico e solitário, mantiveram acesa em seus corações a chama da mais profunda esperança e do mais elevado heroísmo, e que se absteram de sucumbir aos lodaçais mundanos, banhados por miséria e comiseração; à todos aqueles que, sequer por um momento apenas, superaram as dores deste mundo, dedico humildemente estas palavras perpétuas.*

# Sobre o autor

Nascido na cidade Rio de Janerio, familiarizei-me com a poesia aos 14 anos. Aos 15, reuno meus melhores versos nesta antologia.
Busco aprimorar-me na arte da palavra e construir uma obra que se detenha na eternidade da memória. Se minhas tentativas forem frustrantes, agradecerei se ao menos puder causar um efeito mínimo nos corações daqueles que degustarem do meu verbo.

# resumo

Masquerade

Luar Sangrento

Vênus da Alvura

Tua Grandeza

Soneto Transcendental

Heléboro Carnívoro

Sinfonia dos Versos

Cerrado

# Masquerade

Vontade vitupéria da carniça,
És por tudo o mais pobre intento;
Sangra-te no vão desejo violento
Que fomenta tua feroz cobiça.

Adentras as portas de um convento
Para fingir seguir-lhe a nobre lida;
Mascaras tua inteiríssima vida
Para esconder teu rosto sangrento.

És por inteiro um Fruto Proibido;
Belíssimo, mas de pior rebento.
És Dia nos céus de quem conforte,

Mas como poderia, se este intento
Que carregas é por inteiro flectido,
E quem lhe toca enxerga só a Morte?

# Luar Sangrento

Luar Sangrento, campos de herbáceas
Cantam o réquiem das nossas esperanças;
Louvam ao tardar como negras galináceas
Trovando poesias de íntimas lembranças.

Ama os mirrados dorsos de um talhe férico
Torneado por velas arraigadas e infantis,
Este Éden de terreno avaro e colérico,
Adornado por flores carnívoras e hostis!

Há muito esvaíram-se nossos queridos ares;
Diluíram-se nas águas de mares esquecidos.
São tristes amantes sem seus amantes pares
Como irrecuperáveis paraísos perdidos.

Luar Sangrento, em ti me encerro;
Sou consumido por tua inteira fúria.
Sangra em mim, que em tu me enterro
Para livrar-me desta vil penúria!

# Vênus da Alvura

Ao passo que a escuridão me envolvia,
Tu aparecestes permeada pela alvura.
Casta substância de incólume candura;
Contrastas teu sorriso com minha agonia!

Estrela do Norte; fazes da Noite o Dia;
Seduz-me todo com tua virgem luminura;
Tu és, por todas, a mais belíssima pintura
Do Sol matinal, que se ergue à calmaria.

Luz do Dia; Sou teu Luar; A Noite Sombria
Que afoga o horizonte iluminado.
Contrasto teu ser, sempre inteiro alegrado,
Com a tristeza de minha pobre versaria.

Teus olhos são a química da feitiçaria
Que me aparta deste mundo inconsolado;
Um dia sem ti é como um ano hibernado;
Tens a voz de uma romântica sinfonia!

Ó! Sol das Noites, tu és minha estrela guia;
Por onde me leves, seguirei tua cultura.
Ó! E se desejas que a ti leal me jura,
Teus passos seguirei por toda e qualquer via!

# Tua Grandeza

Como lábaros que oscilam a ventania,
Curvando-se à nobreza da eternidade,
Teus cabelos oscilavam a mocidade
Que cobria-lhe o rosto de alegria.

São cabelos de fogo, a aquecer o inverno;
São crinas douradas, espelhando o verão.
São olhos poéticos, cujo espírito interno
Faz inteiro enfermo meu singelo coração.

Convulsivas íris, enlouquecidas cores
Consomem minh'alma pelos teus belos lábios.
Extrai-se a Poesia destes teus olhos sábios
Afogados em azul, como tímidas flores.

Cresça-me a Tragédia, acolha-me a Morte!
Não temo travessia por onde tu me fores;
Pois onde houver teu ser, onde fizer suporte,
Haverá em mim, por ti, milhões de amores!

E por onde carregares a cruz da valentia,
Carregarei contigo a luz da eterna glória.
Teu ser é invencível; cabe-lhe só a vitória,
Minha eterna musa da milenar sabedoria!

# Soneto Transcendental

Quero livrar-me da prisão que é meu corpo,
Este sepulcro que condena-me ao desejo.
Nos meus quereres necessários e ensejos,
Me retrato sem este talhe, como um morto,

Cuja alma, em sua diluência etérea,
Já superou as limitâncias deste mundo,
Tornou memória do passado o que é imundo;
O Ser que imana sob o plano da matéria!

Quero livrar-me deste meu corpo tão fútil
E engrandecer a minha alma em transcendência;
Vir a livrar-me desta eterna inconsistência

De um existir que, existindo, é tão inútil.
Queria livrar-me desta minha vida humana
E alcançar, em outra vida, o alto Nirvana!

# Heléboro Carnívoro

Na coloração sangrenta dos umbrais da eternidade,
Floresce um ramo esguio de Rosas do Inverno;
Glaciais anêmonas, cuja triste morbidade
Faz descer meu peito do Olimpo ao Inferno.

São as pétalas mortais que seduzem o encanto,
Mas que filhas de Plutão, nasceram sobre o Hades,
E que em sua atração, transferem seu espanto
Aos olhos de quem sente sua inteira majestade.

Heléboro carnívoro, teus lábios sanguinários
São a gênese do Amor que ilude-me o encanto;
Que rende-me o ser aos lúgubres cenários
Nos quais repouso quieto, triste e sem recanto.

# Sinfonia dos Versos

Sobre os bemóis e sustenidos vai surfando
Os dedos de ergástulo e glória;
Estes dedos que os toques vão sanando
A Tragédia, convertendo-a em Vitória.

Balbuciando pelas fendas da Sonata,
Do Scherzo, da Valsa e do Noturno,
Cantam da noite e do luar a Serenta,
Como em leves toques de soturno.

A Mazurka, o Maxixe, a Tarantella
Como que movem a caveira que me tenha;
Como que pintam em mim a aquarela
Que danço; danço como a dança venha!

O Quarteto, o Concerto, a Sinfonia
A minh'alma purifica e engrandece;
A dor de meu espírito alivia
E a lágrima que desce o som aquece...

O violino; tão fino, tão agudo, tão ufano
Me enobrece, me encanta e me seduz;
Seu grito de tristeza é tão humano
Quanto o grito de quem morreu na cruz...

E me afoga em tamanha piedade,
E me inflama com a brasa da empatia,
Que este peito afeito à caridade
Se enfurece diante da Apatia...

Os oboés, os clarinetes e as flautas
São tão doces cantando em conjunto;
Nos elevam às alturas elevadas,

Onde a Palavra não diz qualquer assunto...

O contrabaixo, a viola e o violoncelo
Lacrimejam sobre o peito de quem ouça;
Como que partem a alma com um cutelo
Que o susto a todo bem remoça...

E que dizer das teclas do Piano,
Do Órgão, da Celesta ou do Cravo?
Um é Cinza, outro Rubro, outro Ciano,
Que todo o mundo por meros Dó's destravo!

Por estas teclas, brancas ou teclas pretas,
Ouço a Flauta, o Trompete ou a Viola;
A Guitarra, ou mesmo as Trombetas,
Pois meros dedos o Mundo cantarola!

O Piano é um Cosmo resguardado;
Tudo diz, e tudo diz que oculta;
Tudo fala, e fala tão calado
Que a alma de quem ouça ele sepulta...

# Cerrado

Ouviram os arcaicos cerrados infecundos
Os gritos imortais das dores contundentes
Dos nômades errantes, calons vagabundos,
De fronte aos bosques mortos e doentes.
As pétalas ardentes do adenium alegre
Parecem submissas ao triste desencanto;
Rastejam pelo solo como dolorosas lebres
Lutando pelas letras de seu último canto.
Os talhes antes fortes das acácias pareciam
Cadáveres dispersos pelos solos abatidos,
E onde antigamente as burseras sorriam,
Hoje os baobás ao meio foram partidos.
E os ciganos que passavam, tão assustadores
Se mostraram, que às lágrimas correram;
Porque antes estes solos irradiavam cores,
E hoje os seus filhos - Ó! todos morreram.